

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

O ACESSO E A PERMANÊNCIA DOS(AS) ESTUDANTES PRETOS(AS) E PARDOS(AS) NO CTISM¹
THE ACCESS AND PERMANENCE OF BLACK AND BROWN STUDENTS IN CTISM

Zípora Rosauero De Araujo², Roselene Moreira Gomes Pommer³

¹ Projeto de Pesquisa "Ciclo de Estudos sobre História e Culturas Afro-Brasileiras" do CTISM - UFSM

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais - UFSM; Bolsista do projeto Ciclo de Estudos sobre História e Culturas Afro-Brasileiras

³ Professora do PPGEPT/UFSM; Orientadora

Introdução

O Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM) é uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) vinculada à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com mais de 50 anos de atuação na formação de trabalhadores para as áreas industrial e de serviços. Entre os cursos ofertados pela instituição estão os de formação técnica integrada ao ensino médio, nas áreas de mecânica, eletrotécnica e, mais recentemente, informática para a internet. Tendo seu ideal pedagógico forjado estritamente para atender aos filhos da classe trabalhadora e instrumentalizá-los a partir das demandas do mercado de trabalho, os mecanismos de legitimação das desigualdades sociais agem de formas ainda mais eficazes nesse espaço quando comparado à escola convencional, ainda que ambas tenham mais interesse em perpetuar a ordem social que libertar intelectualmente seus estudantes, como Pierre Bourdieu bem elucidou em seu livro *Escritos de Educação*, de 1998:

“É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escola como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.” (p. 41)

Uma categoria essencial à análise que aqui se pretende é a que Jessé de Souza denomina “ralé de novos escravos”. Essa categoria faz referência a uma classe social estritamente brasileira e moderna, inicialmente constituída pelos negros e negras libertos da escravidão formal no final do século XIX, sem qualquer política pública de reparação social por parte do Estado, mas que na atualidade soma, segundo o autor, “mais de um terço da população, agora de todas as cores de pele, mas, herdando o desprezo social de todos que era devotado ao escravo negro” (2017, s/p.). À ralé são designados não só os trabalhos mais pesados, mas também os de menor remuneração e prestígio social, desumanizando e animalizando esses indivíduos, assim como outrora acontecera com os escravizados.

Jessé propõe que a sociedade brasileira seja pensada entendendo as relações escravocratas como gênese da arquitetura social ainda na modernidade. Adotando esse paradigma e seu recorte

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

étnico-racial imprescindível para refletirmos sobre nossa sociedade, a presente pesquisa pretende analisar, de maneira inicial, o processo de acesso e permanência dos e das estudantes autodeclarados pretos(as) ou pardos(as) no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria a partir de 2013, ano em que se estabeleceu a política de reserva de vagas na instituição.

Metodologia

As análises empreendidas por essa pesquisa tiveram por base os dados quantitativos obtidos junto aos documentos oficializados pela instituição escolar - CTISM. Com o acesso a esses documentos foi possível identificar a quantidade de estudantes matriculados nos cursos técnicos integrados ao ensino médio, ano após ano, entre 2013 e 2018, bem como, estabelecer proporções quanto às seguintes categorias de análise: a) etnia, considerando os grupos “autodeclaradas(os) pretas(os) ou pardas(os)” e “autodeclaradas(os) brancas(os), amarelas(os) ou sem resposta” e b) gênero, considerando os grupos “homens pretos ou pardos” e “mulheres pretas ou pardas”. Considerou-se, também, o ingresso de estudantes autodeclarados pretos ou pardos e sua variação ao longo do período analisado.

Após o levantamento dos dados quantitativos, procedeu-se a análise dos mesmos, tendo por base os princípios teóricos de autores que trabalham a questão da vinculação da educação, às estruturas sócio-econômicas. Dessa forma, buscou-se não somente identificar o percentual de estudantes negros(as) e pardos(as) que acessaram os cursos técnicos integrados do CTISM a partir de 2013, mas também, indicar possibilidades para a compreensão sobre a permanência e sobre a conclusão de curso por parte dos sujeitos que integram essas etnias, em uma instituição que foi criada, inicialmente, para formar trabalhadores.

Resultados e Discussões

A partir do ano de 2013 o CTISM estabelece a política de reserva de vagas para estudantes autodeclarados de etnia preta, parda ou indígena, conformando-se com a Lei nº 12.711, de agosto de 2012, que em seu artigo quinto determina que:

Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4o desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE.

A chamada “lei de cotas” é uma conquista de longos anos de luta dos movimentos negros do país e é reivindicada enquanto política afirmativa de inclusão social daqueles que, por questões históricas e sociais, foram deixados à margem da sociedade no processo de modernização do Brasil. No entanto, as cotas referem-se apenas ao acesso desses indivíduos, seja no ensino superior ou técnico de nível médio, e se, por si só, não são capazes de efetivamente subverter as desigualdades sociais, tal horizonte se torna ainda mais distante quando não existem sérias políticas de permanência dessa população nas instituições de ensino. Os próprios movimentos negros reivindicam políticas de permanência após os primeiros estudantes ingressantes por

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

reserva de vagas perceberem as dificuldades de se manterem em espaços essencialmente brancos e que, por tanto tempo, lhe foram, material ou simbolicamente, negados.

O CTISM foi fundado no ano de 1967, meados da ditadura civil-militar no Brasil, como fruto de políticas que visavam a expansão do ensino técnico e a qualificação da mão-de-obra no país. Sendo assim, o colégio baseia-se em um modelo de escola essencialmente tecnicista e voltado à instrumentalização das classes mais baixas. No entanto, não à classe mais baixa de todas: a ralé de novos escravos.

O sociólogo Jessé de Souza, baseando-se no conceito de classe social mobilizado por Pierre Bourdieu, propõe que consideremos a articulação entre os capitais econômicos, culturais e sociais para identificarmos quais são as verdadeiras classes sociais do Brasil moderno e quem as compõem. Para Souza, a escravidão e, sobretudo, as relações escravistas, é o exato ponto para onde devemos direcionar nosso olhar se quisermos compreender a dinâmica de classes no Brasil contemporâneo. Dessa forma, quatro grandes classes, com suas diversas frações internas, são o pressuposto da análise: a elite proprietária, a classe média, a classe trabalhadora semiquificada e a ralé de novos escravos. A elite proprietária e a ralé tem sua origem na escravidão, ao passo que as classes medianas se formam a partir do processo de industrialização na década de 1930.

A ralé de novos escravos é constituída por aqueles que são descendentes diretos dos negros e negras abandonados pelo Estado no período pós-abolição e, desde então, são vários os fatores que empurram esses indivíduos para as margens do mercado de trabalho, onde “não é o conhecimento incorporado no trabalhador que é a mercadoria vendida [...], mas a capacidade muscular, comum a todos os animais” (SOUZA, 2017, s/p.). Constitui-se, assim, uma classe da qual todas as outras buscam se distinguir e, acima de tudo, explorar enquanto a mão-de-obra mais barata. Não é atoa que Elza Soares cantou que a carne mais barata do mercado é a carne negra. É por isso que não interessa às classes dominantes oferecer as oportunidades de qualificação dessa mão-de-obra, a fim de não aumentar seu custo. E, uma vez que a intenção do CTISM é justamente qualificar, começamos a questionar: qual é - se realmente existe - o interesse em garantir o acesso, a permanência e a formação dos estudantes negros?

Embora desde a implementação da reserva de vagas o número de estudantes pretos(as) ou pardos(as) matriculados no colégio venha crescendo, a quantidade de evasões ainda é muito grande, sobretudo quando pensamos nas meninas pretas e pardas (que sofrem as maiores dificuldades já no processo de seleção, pois das nove turmas que iniciaram os cursos integrados desde 2016, em três delas não houve o ingresso de nenhuma mulher negra, mas em cada uma ingressam pelo menos quatro homens negros). O interesse em manter a mão-de-obra negra desqualificada e barata se manifesta de maneira sutil e sustentando-se na violência simbólica. A visão pedagógica do CTISM é estritamente branca e masculina e isso é visível, inclusive, no quadro de professores da instituição. A estrutura curricular valoriza a cultura branca e erudita em detrimento da negra e popular. Na salas de aula, se enfatiza o homem branco e o conhecimento que ele produziu, o que faz com que os e as estudantes negros(as) ou pardos(as) só encontrem semelhantes étnicos nos corredores do colégio, realizando o trabalho terceirizado e precarizado da limpeza e manutenção. A cultura negra não é valorizada e, se o estudante, como é de costume, já não tinha referências na família (que vem, geração após geração, compondo a ralé), não é no colégio técnico que ele encontra algum estímulo de ascensão social, pelo contrário.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Considerações Finais

A falta de perspectiva quanto a ingressar num curso de graduação, muitas vezes porque nenhum membro da família possui diploma, talvez seja o fato de maior motivação na hora que os adolescentes da ralé de novos escravos procuram acessar um curso técnico de nível médio. É uma decisão baseada na esperança de garantir um local minimamente seguro no mercado de trabalho que mobiliza esses jovens. No entanto, as estruturas arcaicas que sustentam nosso modelo de educação, ainda ligadas ao passado escravocrata, expõem das instituições de ensino aqueles que buscam algum tipo de ascensão social. Sendo tanto os cursos de graduação, quanto os cursos técnicos espaços negados dessa forma à população negra e pobre, qual é o espaço que devem tomar na sociedade?

Palavras-Chave: ensino técnico; educação profissional; racismo; políticas afirmativas.

Keywords: technical education; professional education; racism; affirmative policies.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. Lei 12711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.. Disponível em: . Acesso em: 10 jul. 2018.
- SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso: da escravidão à Lava-Jato. Rio de Janeiro. Leya, 2017.